

Egreja dos terceiros de S. Francisco, no Porto

As ordens terceiras em Portugal não se tem limitado aos exercicios do culto divino com mais ou menos esplendor. Figuram egualmente, e com muita distincção, na historia dos nossos estabelecimentos de caridade.

Os hospitaes mais grandiosos em edificios, mais largamente dotados e melhor servidos que ha no reino, depois dos de S. José, em Lisboa, e de Santo Antonio, no Porto, pertencem a confrarias de terceiros. E quanto a estas, são as cidades do Porto e de Guimarães que levam a palma ás mais terras do nosso paiz.

As duas ordens terceiras, de S. Francisco e de S. Domingos, de Guimarães, contam cada uma para cima de mil irmãos; e os seus hospitaes nada deixam a desejar, quanto á capacidade dos edificios, ao aceio, ordem e carinho com que os irmãos enfermos são tratados.

No Porto existem as ordens terceiras de S. Francisco, do Carmo, da Trindade, e do Terço e Caridade. Todas quatro possuem magnificos hospitaes, por tal modo organisados e servidos, que se poderia honrar qualquer grande cidade em ter algum d'elles por principal.

O padre Agostinho Rebello da Costa, fallando da ordem terceira de S. Francisco na sua *Descripção topographica e historica da cidade do Porto*, diz que «o numero dos seus irmãos é, pouco mais ou menos, de onze mil, e alguns tem havido que lhe deixaram por sua morte cincoenta mil cruzados, outros oitenta, e ainda maior quantia.»

O livro de que transcrevemos estas linhas foi impresso em 1789. Não sabemos qual é o numero dos irmãos presentemente, nem a quanto sobem os rendimentos da confraria. Mas tanto aquelle como estes devem ser avultados, se se attender, por um lado á grande despeza que a ordem faz annualmente no tratamento dos irmãos enfermos; por outro lado, e principalmente, ás importantes sommas dispendidas com a fundação de uma nova capella, a que bem quadra o titulo de egreja; com a reedificação e ampliação do edificio do hospital; e com a construcção do cemiterio da mesma confraria, obra magnifica e muito dispendiosa, por ser toda subterranea, formada de longas arcarias abobadadas. O começo d'estas obras data do anno de 1634.

A capella está situada ao lado do templo do extincto convento de S. Francisco, que pertenceu aos religiosos observantes, e que foi fundado por el-rei D. João I. Do adro, que é commum ás duas egrejas, desce-se por uma larga escadaria de pedra para a rua de S. Francisco, que faz continuação á dos Inglezes. A fachada da capella está voltada para o sul. A sua architectura, nobre e esbelta, afasta-se do uso geralmente seguido pelos nossos architectos em construcções d'este genero. A gravura que acompanha este artigo, cópia fiel de uma photographia, representa com

tanta exactidão e clareza a frontaria da capella, que julgâmos desnecessaria a descripção. Bastará, pois, dizer que é construida inteiramente do mais fino granito que se encontra na provincia do Minho.

O interior do templo está bem decorado. A capellamór e os quatro altares do corpo da egreja, dois de cada lado, são guarnecidos com excellente obra de talha doirada. Possue este templo alguns bellos quadros de Vieira Portuense, e muitas alfaias e paramentos de bastante riqueza.

Tem Lausperenne esta capella todas as quartas-feiras. O serviço do culto é feito aqui com muita decencia, e celebram-se varias festividades com grande esplendor. A sua procissão de quarta-feira da Cinza tem nomeada em todo o reino pelo vistoso apparato do prestito em geral, e especialmente pela riqueza e formosura dos andores, que não tem rivaes em todo o nosso paiz. Custaram estes andores uma avultada somma de contos de réis, porque ao valor artistico das imagens accresce o dos vestidos das mesmas imagens, e das sanefas que guarnecem os andores, tudo magnificamente bordado a oiro finissimo, além de muitos adornos de prata, cinzelados com singular perfeição. São dignos de miudo exame os bordados, pois que apresentam um primor de trabalho inexcedivel. N'este genero de industria póde a cidade do Porto entrar dessassombradamente em competencia com as terras de França, da Belgica e da Allemanha mais afamadas pela perfeição dos bordados a fio de oiro e prata.

Por baixo da egreja estão as catacumbas, que servem de jazigo aos irmãos terceiros, e das quaes fallâmos acima.

O hospital é um dos maiores edificios da cidade. Fica a pouca distancia da capella. Tem duas fachadas de boa e nobre architectura; a principal, que é bastante alta e comprida, deita para a rua da Ferraria; a outra, egual na architectura, porém menos extensa, cae sobre a rua de D. Fernando II, aberta modernamente através do antigo convento de S. Francisco. Este convento, incendiado durante o cerco do Porto, em a noite de 24 de julho de 1832, acha-se ao presente transformado no edificio da bolsa, cuja frontaria do norte guarnece um dos lados da dita rua de D. Fernando II [1].

N'este hospital instituiu a confraria aulas de instrucção primaria para os filhos dos irmãos.

A ordem terceira de S. Francisco, do Porto, é muito antiga. O padre doutor Manuel de Oliveira Ferreira diz no seu *Compendio da historia terciaria* que fôra instituida em vida do seu patriarcha, S. Francisco de Assis, e que n'esta confraria cingiram o cordão seraphico muitos reis e principes de Portugal.

I. DE VILHENA BARBOSA.

AS ORDENS RELIGIOSAS E A CIVILISAÇÃO DE GOA

(Vid. pag. 299)

III

Com quanto todas estas ordens tenham concorrido para arraigar nos corações dos povos de Goa as luzes da fé e da illustração, ha entre ellas tres a quem cabe a gloria de terem sido nossos prégadores e mestres, e são a dos franciscanos observantes, que missionavam em Bardez; a dos jesuitas, que missionavam em Salsete, e nas aldeias de S. Lourenço, S. Thiago, S. Braz, Daugim, Divar e Chorão, das ilhas de Goa; e a dos dominicanos, que missionavam nas aldeias de Faleigão, Santa Cruz, Curca, Siridão e outras das ilhas de Goa; todas tres ordens estas pelas quaes foram distribuidas as missões d'este paiz.

Vejamos quaes foram os seus serviços.

A religião que dominava em Goa antes da sua conquista pelas armas portuguezas em 1510, era o theomorphismo oriental, ou a lei de Bramá, tão radicada com todo o cortejo de superstições no animo dos povos, que a propaganda dos musulmanos, que por tantos seculos os haviam assoberbado com tyrannias e oppressões, não tinha podido destruir, nem tão pouco abater um só dos seus monumentos religiosos. Os conquistadores portuguezes, subjugando a cidade, não demoraram para propagar o christianismo e extirpar a idolatria, e assim vêmol-os entre os perigos da guerra e os cuidados dos assaltos annunciar a cruzada religiosa por boca dos missionarios. Em 1530 o padre Miguel Vaz, discipulo do celebre João de Avila, e na opinião de S. Francisco Xavier o mais strenuo campeão da fé, espalha o terror entre os conquistados pelo seu acrisolado zelo, e ao seu primeiro aceno os pagodes que se levantavam na cidade caem derrubados, e todos os pagãos que se recusam vir ao seio do catholicismo são compellidos a abandonar a sua patria. O padre Diogo de Borba, outro varão preclaro, tão ardente como o padre Vaz, prega com tanto enthusiasmo sobre a conversão dos infieis, que funda a confraria da Santa Fé, composta de homens de grande prestigio e poder, e que tem por intuito perseguir a idolatria e favorecer os novos convertidos, e com ella o seminario do mesmo titulo e o collegio de S. Paulo, o primeiro estabelecimento litterario na India, depois do de Antonio Galvão, o apostolo das Molucas, destinado a educar os proselytos e habilital-os para cathechistas, e que, cedido mais tarde á Companhia de Jesus, veiu a ser o seu principal collegio no Oriente. Muitos sacerdotes acompanhavam ambos estes missionarios na evangelisação, e aos seus heroicos esforços devemos attribuir a destruição de trezentos pagodes que existiam na ilha, e a primeira conversão dos povos, que, convictos ou violentados, receberam o baptismo.

Não chegavam mais longe as forças d'estes missionarios; eram poucos os operarios e vasta a messe, não só da ilha de Goa, mas ainda das duas provincias de Salsete e Bardez, que eram cedidas aos portuguezes em 1544. Entretanto as fadigas do apostolado e as perseguições dos infieis tinham terminado os dias dos primeiros cruzados. O padre Vaz morria victima de peçonha, preparada por um pagão em Baçaim; o padre Borba descia ao tumulo, consumido pelos trabalhos, no collegio que fundára, e os seus collegas, espalhando-se por diversos pontos da India, affrontavam a bruteza das raças indigenas com tormentos e martyrios. Para os substituir vieram os religiosos. S. Francisco Xavier, antes de converter os idolatras, tem de converter os portuguezes, que, enervados pelas delicias da Asia, se debatem em uma espantosa corrupção dos costumes, e dedica todo o tempo que demora na cidade, quando volta mais de uma vez das suas santas peregrinações por todo o Oriente, para derramar a fé n'essa nova Babylonia, onde todas as classes, castas e religiões vão ouvir de joelhos a prégação inspirada pelo ceo, que ensina o apostolo com tamanho proveito. O seu exemplo é imitado por todos os missionarios, e a luz que elle accende na capital é levada a todas as provincias e a todas as aldeias. Os jesuitas e os dominicanos percorrem triumphantes em 1548 a cidade e as ilhas circunvisinhas, e arvoram em toda a parte a cruz, que os gentios reconhecem com a face no chão como o symbolo da sua redempção; os franciscanos recolhem em Bardez ao redil do Senhor turbas de ovelhas perdidas, que na cegueira do gentilismo aguardavam a sua regeneração; os jesuitas passam a Salsete em 1560, e, desabadas as barreiras que impediam a propagação do evangelho, o christianismo é derramado com rapidez por todo o seu ambito. Plantada a arvore da cruz em todos os pon-

1 Vid. pag. 308 do vol. IV.

tos, as suas raizes crescem e se dilatam, e não ha aldeia onde ellas não cheguem.

Umas vezes a persuasão, outras vezes a violencia, e algumas vezes o martyrio, são as armas com que se realisam essas conquistas religiosas. Se o exemplo das virtudes e o fructo das prégações não allumiam os povos, está o ferro dos cruzados que derruba os pagodes; está o fogo dos inquisidores que devora os que são rebeldes contra a fé; estão as leis do fanatismo que arrancam os orphãos dos braços das suas mães para leval-os ao baptismo, que exterminam os que escapam ao zelo da evangelisação, que lhes sequestram todos os bens, que lhes tiram todos os direitos, e que proscrevem todas as suas solemnidades; e quando porventura o odio dos pagãos, excitado por tantas perseguições, respira a vingança, tão extrema como a desesperação, estão os martyres de Cuncolim, esses illustres e mimosos filhos de Santo Ignacio, que em 15 de julho de 1583 vertem entre as lanças e os cutelos dos barbaros o seu sangue, e com elle regam a arvore da salvação que plantavam. O fructo de tanto ardor não póde deixar de ser copioso. Não seguindo passo a passo os progressos do christianismo em cada seculo e em cada aldeia, e não nos detendo em descrever tantos baptismos geraes e solemnes, póde-se affirmar que no fim do anno de 1722 o numero do povo catholico, entre homens e mulheres, era 181:565, sendo 58:430 na ilha de Goa e Angediva, 71:017 em Salsete e 52:118 em Bardez; assim nos diz uma certidão do livro dos registos dos roes da camara ecclesiastica, passada pelo seu escrivão em 28 de dezembro de 1722, existente no codice $\frac{C}{2}-\frac{V}{6}$ dos mss. da bibliotheca de Evora, e citada pelo sr. Miguel Vicente de Abreu na traducção que fez do *Bosquejo historico de Goa* por Cottineau.

Dissipadas as trevas da idolatria, derrubados os pagodes, e sobre as suas ruinas levantados tantos sanctuarios, era preciso radicar no coração dos convertidos a nova religião, ensinando-lhes o culto interior pelas lições espirituaes, e convidando-os ao culto exterior por meio das festas e das instituições de piedade. A uma e outra coisa attenderam os religiosos, e tanto se empenharam, que o christianismo, ao passo que se propagava, brilhava já pelo fervor do espirito dos primeiros christãos, já pela pompa das festas e pelo apparato dos templos. Os livros da idolatria são queimados, e em seu logar divulgados os cathecismos no idioma concani. Os mais abalisados mestres se dão ao estudo da lingua vernacula, e em pouco tempo toda a doutrina christã, a explicação dos mysterios diurnos e a exposição da paixão do Redemptor estão postas ao alcance do povo, e ao mesmo passo se publicam grammaticas que ensinam a structura da lingua, diccionarios que explicam os termos, e os directorios da confissão, que guiam um confessor estrangeiro no tribunal da penitencia. Estes livros aproximam os mestres dos discipulos, os prégadores dos cathecumenos. Elles pregam e administram os sacramentos, estes já os percebem, já sabem os fundamentos da lei nova, e por isso correm a receber o pão do espirito, que os robora na crença e os enche de graças.

O culto exterior corre parelhas com o interior. O aceio dos templos, o esplendor das vestes sacerdotaes, a uncção que respiram as solemnidades, os sons que tiram do orgão, o canto que echoam os grandes mestres, o incenso que em rolos sobe ao ceo, as procissões que percorrem caminhos juncados de flores, tanto apparato e tamanha poesia enlevá aquelles corações ermos affeitos ao prosaismo dos pagodes, e não ha festa para a qual não concorram turbas de christãos. De envolta com as ceremonias prescriptas pela egreja, os religiosos introduzem muitas praticas theatraes quasi comicas, representando os passos da paixão, que, parecendo á primeira vista um escarneo ao christianismo, não são senão um poderoso remedio para radicar a fé nos convertidos, e para, fazendo descer a elevada simplicidade da religião ao nivel do alcance dos espiritos simplices por meio de representações externas, preparar os animos dos gentios para virem depor os seus erros ao pé da cruz.

(Continúa) J. C. Barreto Miranda.

A PAZ E A GUERRA

O LAVRADOR E O SOLDADO

I

O ARTISTA

A eschola de Bolonha, illustrada pelos Carrache (1555-1681), por Guido (1575-1642), por Albano (1578-1660), por Guercino (1591-1666), e por Pesareso (1612-1648), conta dois mestres do appellido de Mitelli, ou Metelli, conforme o escreveram diversos biographos, e especialmente os compiladores florentinos que nos deixaram o *Abecedario pittoresco*.

O primeiro Metelli, Agostinho (1597-1660), applicou-se particularmente á architectura e á pintura decorativa. Chamado á côrte de Madrid pelo rei Filippe IV, para executar umas pinturas a fresco que o immortalisaram, Agostinho Metelli deu-se a este trabalho com tanto esforço e solicitude, que succumbiu de cançaço.

Seu filho José Maria (1634-1718), artista, para assim dizer, universal, é o inventor dos quadros chamados animados, compostos de figurinhas, cujos olhos, mãos e pés se movem por mecanismo occulto. Esta engenhosa phantasia, que foi vulgarisada pelas innumeras combinações da industria dos quincalheiros, não bastaria, de certo, para salvar do esquecimento o nome de José Maria Metelli; porém deve elle a fama de que justamente goza aos seus trabalhos como gravador. Além de dezesete estampas, cujo assumpto é a fundação de Roma, e a serie das scenas de Bolonha, segundo Annibal Carrache, a fecunda imaginação d'este notavel mestre, que viveu 84 annos, occupou tão laboriosamente o seu buril, que só o catalogo das composições originaes formariam um volume.

Nasceu José Maria quando acabavam as guerras da peninsula italica, mas sangravam ainda as profundas feridas da Italia central. O tratado de Chierasco terminára as terriveis luctas do Mantuano, e entregava á casa de Gonzaga-Nevers o que restava de Mantua saqueada e incendiada pelo exercito hispano-austriaco.

Muito tempo depois, os que a guerra poupára ou sómente mutilára, não tinham regressado ainda aos seus lares; muitos de certo não voltariam mais; alguns morreriam no caminho; outros, em fim, mais felizes, só chegariam ao seu destino, descançando aqui e alli, ao cabo de longos e penosos dias de jornada. José Maria era já um mocetão quando encontrou na estrada, segundo dizem, coxeando um pobre voluntario, carregado com a sua ferramenta de guerra, que regressava aos patrios lares para contar como, depois de ter auxiliado os genovezes a bater Carlos Manuel de Saboya, fôra obrigado a servir o proprio Carlos Manuel, em primeiro logar para se bater contra os allemães, e em segundo logar para fazer causa commum com elles, porque era sabido que o duque de Saboya, inconstante em objecto de allianças, tornava-se hoje auxiliar d'aquelles que na vespera eram seus implacaveis adversarios.

Mas, quer fosse por esta razão, quer fosse por outra causa, o certo é que o gravador Metelli teve a idéa de gravar o *Soldado* e o *Lavrador*, pondo em relevo, como exemplar e natural contraste, as miserias da guerra e os beneficios da paz, e nós temos, em vista d'isso, o pensamento de referir a seguinte interessante lenda.

II

DOIS RIOS DE SANGUE POR UMA LAGRIMA DE OIRO

Entre Rimini e a ponte de Augusto, no logar onde em outros tempos a via Emiliana entrava na via Flaminiana, a qual conduzia a Roma; n'esse logar, diziamos, havia uma pequena herdade, onde uma viuva vivia do producto de algumas geiras que lavrava com o auxilio de dois filhos gemeos, que tinham chegado á edade varonil.

A viuva tambem era mãe de uma rapariga, mas tão mocinha, que chegára apenas a conhecer o pae. Estava-lhe, comtudo, reservada nova provação, pois que dava os primeiros passos quando a morte da mãe completou a sua triste orphandade.

Nos dois primeiros dias do novo lucto, os dois irmãos prometteram continuar a auxiliar-se no trabalho do campo e em tudo o que na hora extrema sua mãe lhes recommendára; porém, assim como um amava a terra, que cultivava desde a infancia, o outro, entrevendo mais risonhos horisontes, sentia o desejo de procurar a prosperidade nos lances da guerra, de que um veterano seu visinho contava anecdotas e maravilhas á criança, que não se cançava de ouvil-o.

Os soldados que iam para a guerra passavam, de tempos a tempos, pelo paiz. Alegrava-o a chegada dos



A paz

militares e entristecia-o a sua partida, mas não se atrevia a seguil-os, porque não seria essa a vontade de seu pae.

Quando a mãe falleceu, o que promettêra ao irmão não se lhe figurava obstaculo poderoso contra a necessidade de ir ao encontro das aventuras bellicas com que sonhava; bastava que se lhe deparasse occasião, e elle para logo se decidiria a deixar ao lavrador a duplicada obrigação de cultivar a herança paterna e tratar da educação da pobre orphã.

Acerca d'estes dois pontos, o pobre soldado raciocinava assim:

— Ganharão todos com a minha ida para o exercito. Deixarei a minha irmã a parte que me cabe na herança paterna; e quando voltar á nossa casa repartirei fraternalmente, com os que vão aqui aguardar-me, as riquezas que não deixarei de encontrar por esses campos.

Appareceu a occasião propicia.

O duque de Saboya inquietava os genovezes. Um dos agentes que tratavam dos alistamentos para a republica de Genova parou um dia na aldeia em que viviam os dois gemeos; alli encontrou o curioso das batalhas; houve entre o agente e este curioso um momento de conversação sem a presença da familia, e a patria dos Doria contou mais um soldado.

Quando regressou por primeira vez, doze annos depois da sua partida, servíra nos extremos da Italia, e além d'esta peninsula, ora a favor de uns, ora a favor de outros; quando regressou, algum tanto cançado e já velho, encontrou seu irmão guiando os bois na lavoira, e sua irmã, já uma gentil menina, cuidando do curral e do arranjo domestico. Víra muitas terras e muitas coisas, matára muitas pessoas e saqueára muitas casas. Mas, por infelicidade, quasi todos os despojos colhidos no meio da violencia, a violencia os tinha rehavido; o resto evaporára-se no fumo das orgias. De todas as riquezas que lhe passaram pelas mãos, restára-lhe apenas um pedacinho de oiro fundido sob a fórma de uma pera ou de uma lagrima.

A irmã, examinando esta reliquia que o soldado lhe offerecêra, observou:

— Este pedacinho de oiro parece-se com uma das lagrimas da Magdalena de pedra que chora ao pé da cruz, na egreja da nossa aldeia.

A estas palavras, que eram uma recordação importuna, o soldado carregou o semblante e mordeu o bigode; mas, como a nuvem passou rapidamente, disse á irmã:

— Confessa, rapariguinha, que desejavas ter outro pedaço de oiro egual para fazer um bom par de brincos. Deviam tornar-te mais formosa.

A joven não respondeu negativamente.

Decorridos alguns dias, o soldado, vendo que não podia ainda habituar-se á vida campesina, disse, mostrando o fragmento de oiro á irmã e ao irmão, que queriam impedir-lhe a saida:

— Deixem-me. Um só não basta para o adereço de nossa boa irmã. Guardem, pois, este pedaço de oiro, porque eu não voltarei aqui sem que tenha ganho ou achado outro egual.

Decorreram mais quinze annos. Durante este longo periodo, o pobre soldado viu novas batalhas, participou de novos saques nas casas, nas aldeias e nos templos, sem que se lhe offerecesse occasião de adquirir outro pedacinho de oiro como o que deixára a



A guerra

sua irmã. Nem sempre se encontram imagens cujos olhos chorem lagrimas de oiro e incitem a cubiça dos dilapidadores da fazenda alheia!

No entretanto, um moço visinho do lavrador soubera captivar a amizade d'este e de sua irmã, por uma pequena troca de serviços; mas, porque a intimidade do mancebo foi creando raizes e a affeição da joven se tornou mais profunda, um dia ajustou-se o consorcio dos dois, e d'este modo o visinho devia tomar o logar do ausente.

Estava a ponto de realisar-se este enlace, quando as urgencias da guerra trouxeram á aldeia um capitão do exercito do principe, e o mancebo foi obrigado a entrar no alistamento forçado que o dito official ia fazendo das pessoas válidas de todas as povoações.

No momento da despedida dos noivos, a joven deu ao mancebo, como lembrança, o pedacinho de oiro e um annel, seguro em uma trança dos proprios cabellos, que lhe deitou ao collo; e no primeiro objecto de oiro gravou uma cruz.

Desde este momento, na casa do lavrador ficaram-se esperando dois ausentes.

Um só regressou. Vinha pallido, mutilado, andrajoso. Em vez de andar, arrastava-se pela estrada, meio morto de cançaço e fome. Em vez das riquezas que devia accumular e trazer para o lar paterno, eram-lhe fardo penoso a miseria que o seguíra e as armas embotadas no sangue de muitas victimas.

O lavrador, tranquillo e vigoroso, semeava o trigo nas geiras. Conhecia-se-lhe a edade pelo embranquecimento dos cabellos e por algumas rugas na testa, mas não porque lhe faltasse a energia, a actividade e a intelligencia. O desenvolvimento e o acerto dos trabalhos agricolas alli o estavam attestando.

Quando os tres filhos da viuva se assentaram á mesa da familia, o soldado foi o primeiro a fallar d'este modo:

— Não consegui enriquecer-me, porém soube cumprir a promessa que fiz. Minha irmã, já tens o par de brincos. Encontrei um egual. Este saíu menos caro

que o primeiro, porque só custou a vida de um homem.

E o soldado mostrou o pedacinho de oiro sob a fórma de uma pera, que suppoz ser em tudo egual ao que deixára á irmã.

Junto do pedacinho de oiro vinha um annel, e entrelaçava estes objectos uma linda trança de cabellos.

O lavrador reconheceu o annel. A noiva do moço soldado reconheceu o signal que pozera na pera ou lagrima de oiro, e a trança dos seus cabellos. E ambos, aterrados com a idéa de que seu irmão fosse o assassino do seu bom amigo, exclamaram empallidecendo:

— É o mesmo!

Os que tem confiança no futuro suppõem que nascerá um dia em que possa dizer-se: «Succedeu isto no tempo em que os homens ateavam a guerra.»

Os que vêem mais longe, e acreditam sómente em que hão de apparecer no mundo raças melhores que a nossa, julgam que os crimes da guerra não se praticarão quando se disser: «Succedeu isto no tempo em que havia homens.»

TAVIRA

HOSPITAL DO ESPIRITO SANTO

(Vid. pag. 292)

«O segundo documento, diz o auctor da memoria, é o requerimento que em 19 de janeiro de 1454 fez Antão Marques, mordomo da confraria nova de Santa Maria e S. Braz, a Pero Lopes da Franca, escudeiro e sesmeiro, no qual pedia lhe désse de sesmaria =uns chãos que jazem em monturo, que são junto com o adro de S. Francisco, que partem com pardieiros da mulher e filhos de Fernão Martins de Carvalhal, e com o caminho que vae para a Atalaya, e com a horta do mestre Pedro=. E tendo o dito sesmeiro deferido ao requerimento, mandando apregoar pelas praças da villa, para ver se havia pessoa que a elles tivesse direito, apparece em seguida, a 11 de abril do dito anno, o alvará concedendo ao dito mordomo os chãos que requeréra =para se em elles fazer um Hospital para o serviço de Deos e da Senhora Virgem Santa Maria, sua Madre=.

«O terceiro documento, datado de 21 de agosto de 1454, é um instrumento, no qual Affonso Annes, tabellião, porta por fé que na praça da Ribeira, estando alli Lopo Affonso da Franca, escudeiro e juiz ordinario, perante elle juiz, e muitas testimunhas, appareceu Fernão Gonçalves, declarando que Luiz Peres, escrivão que fôra da camara, tivera fallecido com testamento, que apresentou cerrado, pedindo ao juiz o mandasse abrir, publicar e dar-lhe publica fórma, onde se viu que o dito fallecido instituíra sua mulher por herdeira usufructuaria de todos os seus bens, para por sua morte passarem logo á confraria nova de Santa Maria e S. Braz, e mais adiante diz: =que se sua mulher morrer, ou fizer de si o que não deve, os seus bens sejam logo partidos, e a roupa da cama seja logo entregue á Albergaria de Santa Maria e S. Braz, para refazimento das camas da dita Albergaria, e assim lhe entreguem todos os outros seus bens, dos quaes fazia herdeira a Virgem Santa Maria, para repairamento e governança das ditas Albergarias, e que as ditas confrarias lhe digam annualmente vinte e quatro missas=. Depois, a requerimento do mordomo Antão Marques, mandou o juiz passar um instrumento publico no livro da confraria.

«O quarto documento, datado de 8 de janeiro de 1455, é um instrumento, no qual Pedro Affonso porta por fé, que, estando preso, fôra ter com elle á prisão Alvaro Mendes Godinho, cavalleiro da casa del-rei, e corregedor no reino do Algarve, dizendo-lhe que Estevão Rodrigues de Malforo, tendo morrido com testamento, n'elle instituíra uma deixa *ás Albergarias da villa*, e portanto mandava que se désse ao *mordomo das ditas Confrarias* um instrumento com o titulo da verba que a ellas pertencia; que vinha a ser deixar sua mulher como usufructuaria dos bens remanescentes de outros legados que instituíra, para por sua morte passar o dito remanescente para *as ditas Albergarias*.

«O quinto documento é uma carta de doação, que Ouriana Pereira, viuva de Fernão Martins de Carvalhal, faz em favor da confraria nova de Santa Maria e S. Braz, =de uns pardieiros que são na rua de Santo Antão, e partem com a Albergaria da dita confraria, com a horta d'elrei e com os chãos da dita confraria e com a dita rua, com tanto que se faça nos ditos pardieiros Albergaria, segundo a mim foi dito que tem ordenado fazer=.

«É portanto certo, continúa o auctor da memoria, que a fundação do hospital propriamente dito, começando pela acquisição dos terrenos, teve principio em 1454, e que a confraria de Santa Maria fôra fundada em 1442. Mas o que parece muito provavel é que antes d'esta fundação já existia alguma outra com albergaria annexa, á qual se uniu a nova confraria de Santa Maria, por quanto merece muito credito a nota que está no Tombo do Tello, a que já me referi, escripta por um official da casa, que affirma ter visto o tal livro pequeno de pergaminho, por onde constava a primitiva fundação antes de 1430; por outro lado, os documentos que ficam transcriptos fallam das confrarias com a denominação de Santa Maria Nova e S. Braz. Ainda hoje existe junto ao corpo da egreja, e escapo aos dois terremotos, de 27 de dezembro de 1722 e 1.º de novembro de 1755, uma capella chamada de S. Braz, com a sua abobada artezoada, e de estilo architectonico do tempo del-rei D. João I, ainda que sem ostentação de ornatos, sendo certo que os antigos confrades faziam no dia de S. Braz uma festa com solemnidade; o que tudo me faz suppor que a primitiva fundação foi a de alguma capella com a invocação de S. Braz, e albergaria annexa, augmentada depois com as posteriores fundações.

«Não deixarei passar despercebido o equivoco em que laborou João Baptista da Silva Lopes, affirmando na sua *Chorographia* que o hospital fôra fundado em 1442 pela confraria de Santa Maria, quando da carta del-rei D. Affonso V se deduz que foi a propria confraria que se fundou n'esse anno.»

Depois passa o auctor da memoria a tratar do modo por que se fazia antigamente a eleição do pessoal administrativo das confrarias e do hospital; dos abusos que se introduziram nas eleições, e das providencias que o governo deu a este respeito. O hospital é administrado por um juiz ou provedor, mordomo e escrivão. Data esta pratica desde o anno de 1497.

Não ha certeza de quando teve principio a invocação de hospital do Espirito Santo. Mas, á vista de uns apontamentos do Tombo do Tello, acha provavel o sr. Guerreiro de Aboim que já a tivesse no anno de 1474.

Desde a sua instituição, começou o hospital do Espirito Santo a ser contemplado com legados, que pouco a pouco lhe foram augmentando os rendimentos, com que se habilitou para exercer com mais largueza a sua acção caritativa. Reinando ainda D. Affonso V, prestou este hospital importantes serviços, não só a Tavira, mas tambem a todo o paiz, recebendo e tratando muitos soldados que voltavam feridos das emprezas de Africa.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

MARCOS ANTONIO PORTUGAL

(Vid. pag. 290)

III

Havendo chegado a Italia em 1787 (é ainda Fétis quem falla), escreveu Marcos no anno seguinte em Turim *L'eroe cinese*, sua primeira opera, cujo successo esteve longe de corresponder aos seus desejos e ás esperanças dos seus amigos. Porém alguns mezes depois desforrou-se da sua má estreia, fazendo representar a burletta *La bacchetta portentosa*, que excitou a admiração dos genovezes pela novidade e bom concerto dos trechos que constituiam a maior parte da sua partitura. Egual acceitação logrou *L'astutto*, por elle posta em scena no theatro de Florença na primavera de 1789. Esta peça, e *Il molinaro*, cantado em Veneza no carnaval de 1790, acabaram de estabelecer a sua reputação.

Tudo assim poderá ser, e é de presumir que o illustrado biographo tivesse presentes documentos de sufficiente auctoridade, que lhe servissem de base para asserções tão positivas. Quanto a nós, seja licito dizel-o, achâmos difficuldade invencivel em concilial-as com a verdade averiguada de factos, cuja existencia nos parece comprovada de um modo incontestavel. O proprio Marcos declara no citado catalogo das suas peças musicaes «que fôra por duas vezes a Italia com licença expressa de sua alteza real [1]:» omittiu, porém, a indicação, que mui util nos seria, dos annos precisos em que se realisaram essas digressões: e o que sobre tudo nos maravilha é que n'esse catalogo se não ache designada nem uma só das quatro composições que se lhe attribuem, nem ainda qualquer outra, por elle dada para os theatros de Italia no periodo decorrido de 1787 a 1790, a que o biographo se refere! Como é crivel que lhe escapassem, ou que d'ellas se esquecesse no catalogo, aliás tão minucioso, e onde figuram tantas obras anteriores e posteriores áquella epocha?

O que temos por innegavel, em razão de possuirmos impressos os respectivos exemplares, é que por todo o decurso dos annos de 1785 até 1790 se representaram ou cantaram em Lisboa, no theatro do Salitre, aberto recentemente por esse tempo [2], varias burlettas, dramas allegoricos e elogios em portuguez, com musica da composição de Marcos (adiante daremos os seus titulos), e que já em 1788 o encontrâmos ahi qualificado de «mestre de musica do referido theatro e compositor organista da santa egreja patriarchal.» Tambem é certo que para essa egreja, e para a capella real de Queluz, escrevêra no mencionado intervallo algumas missas, psalmos e outros trechos de musica sagrada, segundo se vê do catalogo.

1 Não satisfeito d'estas duas idas, houve quem pretendesse multiplical-as em outra noticia biographica recentemente impressa, dizendo com emphatica exaggeração: «Vindo *frequentes vezes* a Portugal, o illustre compositor portuguez, *logo que podia, voltava a Italia*, que foi sempre a terra da sua paixão; e tinha razão, porque foi este paiz que lhe fez a sua grande reputação, muito antes da sua patria lh'a confirmar, etc.» Parece-nos que n'este periodo as *frequentes vezes*, e o *logo que podia* bem podiam omittir-se!

E a proposito dos estudos de Marcos na Italia, acode-nos aos bicos da penna um reparo sobre o que lemos ha poucos dias no mui curioso opusculo *Pintura de um outeiro nocturno, e um sarau musical no fim do seculo passado*, de que é auctor o nosso respeitavel e amabilissimo consocio, o sr. marquez de Rezende. Fallando ahi incidentemente de Marcos Portugal, a pag. 44, diz s. ex.ª «que elle estava então por conta do governo, e em companhia de Paer e Rossini aperfeiçoando-se no seminario de Napoles.» Tudo poderia ser, menos que Marcos convivesse ahi com Rossini; pois este, como é sabido, nasceu em Pezaro a 29 de fevereiro de 1792 (quando aquelle entrava já nos vinte e nove annos de edade), e só aos dez ou doze, isto é, por 1802 ou 1804, começou a sua educação musical, no tempo em que Marcos, depois de *aperfeiçoado*, havia já produzido algumas dezenas de partituras sacras e theatraes, achando-se então, para dizel-o assim, no apogeo da sua fama.

Este, e outros anachronismos que escaparam na *Pintura do outeiro*, requerem uma prudente reserva da parte dos leitores, para não serem induzidos em erro, levados da auctoridade de tão erudito escriptor.

2 No esboço biographico que annos ha publicámos no tomo I d'este semanario ácerca do morgado de Assentis, Francisco de Paula Cardoso, cremos ter dito alguma coisa com referencia á fundação e estabelecimento d'este theatro.

Não havendo, pois, meio de tomar pé n'este pélago de incertezas, diremos ainda com Fétis, que Marcos se recolhêra á patria em 1790, e fôra apresentado ao rei, que o nomeára seu mestre de capella [1].

A demora em Lisboa não foi longa, pois que logo no anno seguinte, ou talvez mais certo no de 1792, o vemos emprehender a segunda viagem a Italia (se não foi esta a primeira, como estamos propenso a crer). Então foi que, no decurso de sete ou oito annos successivos, enriqueceu os theatros d'aquella peninsula artistica com os primores do seu genio, sempre coberto de applausos, e merecendo ver o seu nome emparelhado ao dos mais distinctos compositores do tempo.

As peças que, no dizer de Fétis, lhe grangearam maior fama n'aquella terra classica da harmonia, foram: *La donna di genio volubile*, cantada no theatro de Parma; no de Roma *La vedova raggiratrice;* e em Veneza *Il principe di Spazzacamino*, «cujo brilhantissimo successo excitou (diz) o interesse de toda a Italia [2].» No genero serio tornaram-se pelo mesmo tempo mais notaveis o *Demofoonte*, por elle composto em Milão em 1794, e *Fernando in Messico*, escripto em Roma em 1797, e tido como a obra prima do *maestro* portuguez [3].

Ou porque saudades da patria o apertassem, ou porque obrigações do emprego lhe não consentissem prolongar a ausencia por mais tempo, Marcos regressou em fim a Lisboa, onde o sabemos já de certo nos primeiros dias de 1799.

A sazão era-lhe propicia para colher entre os naturaes novos loiros, com que entretecer os das coroas que soubera conquistar dos estrangeiros por esforços do talento. No theatro de S. Carlos, consagrado exclusivamente ao culto da opera italiana [4], e já então florecente sob os auspicios de uma direcção habil e zelosa, que não se forrava a despezas para agradar aos *dilettanti* [5], achava então francas as portas para proseguir no brilhante estadio que encetára, e pouco depois interpretes condignos, que dessem vida ás suas notas immortaes.

Não tardou, pois, que conseguisse fazer ouvir em S. Carlos algumas das peças que mais gostadas haviam sido em Italia, taes como *La donna*, *Rinaldo d'Aste* e *Il principe di Spazzacamino;* e o exito que

1 Até n'isto ha equivocação ou anachronismo. Em 1790 reinava em Portugal, estando ainda na posse plena de suas faculdades intellectuaes, D. Maria I, e não havia rei algum. O biographo que na *Chronica dos theatros*, n.º 9, de 7 de junho de 1865, traduziu ou extractou o artigo de Fétis ácerca de Marcos, propoz-se aclarar o caso, dizendo que em 1790 *elle fôra apresentado a D. Pedro*. Isto é ainda alguma coisa peior. Se entende referir-se a D. Pedro III, este era fallecido desde 1786; se ao principe que depois se chamou D. Pedro IV, este estava ainda no embryão dos possiveis, pois só veiu á luz em 12 de outubro de 1798.

2 Fétis e os que o seguem parece reportarem a execução de todas estas peças ao anno de 1791, em que Marcos, a nosso ver, estava ainda em Lisboa. O catalogo, porém, diz outra coisa, e, segundo este, *La donna* só subiu á scena em Veneza, no theatro de S. Moisé, em 1796; *La vedova* em Florença, no theatro della Pergola, em 1794; e *Il principe* em Veneza, no já dito theatro, em 1793, precedendo esta as outras duas na sua ordem chronologica.

3 Segundo o catalogo, o *Demofoonte* foi com effeito representado no theatro della Scala, mas em 1793. O *Fernando* só o foi no theatro de S. Benetto de Veneza em 1798. De outras operas e burlettas se faz menção no catalogo, como tendo sido cantadas nos diversos theatros da Italia pelos annos de 1793 a 1799. Deixâmos para o fim d'este estudo a resenha de todas.

4 Este theatro, ácerca de cuja edificação podem ler-se curiosas noticias na *Revista universal lisbonense*, tomo V, pag. 465 e seguintes, abriu-se pela primeira vez a 30 de junho de 1793, sendo emprezarios Antonio Lodi e André Lenzi. Escolheram para aquella abertura solemne *La ballerina amante* de Cimarosa, e foi a musica dirigida pelo mestre do real seminario Antonio Leal Moreira. Os cantores executantes eram: Domenico Caporalini, *prima buffa absoluta;* Michele Cavana, *prima dona seria;* Francesco Marchesi, *primo buffo absoluto;* Loreto Olivieri e Paolo Boscoli, *primi buffi caricati;* Pietro Guariglia, *primo mezzo carattere;* Natale Rossi, *seconda buffa;* Francesco Franchi, *mezzo carattere*. Será talvez ocioso lembrar que por aquella epocha estava ás mulheres interdicta a representação nos nossos theatros; prohibição que parece só veiu a levantar-se em 1800.

5 Affirma-nos o sr. J. J. Marques haver lido nas gazetas de Lisboa d'aquelle tempo mais de um annuncio, em que a empreza de S. Carlós se declarava prompta a acceitar e retribuir vantajosamente quaesquer operas que os compositores nacionaes apresentassem, dignas de acceitação. Por falta de opportunidade deixámos de verificar este facto.

obtiveram foi por tal modo lisonjeiro, que em breve se viu habilitado para novos e mais assignalados triumphos.

Foi no anno de 1801 que veiu para o nosso theatro lyrico (cuja empreza havia então assumido, segundo cremos, o grande artista Crescentini [1], depois de deliciar por alguns annos os lisbonenses com a magica flexibilidade da sua voz e o excellente methodo do seu canto) uma nova e escolhida companhia de cantores italianos [2]. Distinguia-se entre elles a celebre Catalani [3], que ainda em annos verdes, pois entrava nos dezenove, se fallam verdade alguns dos seus biographos, dera já em Italia provas nada equivocas do que viria a ser mais tarde. A esta companhia foi Marcos aggregado, e continuou a exercer n'esse anno, e nos seguintes até 1807, alternadamente com o italiano Fioraventi, o logar de mestre director, compondo ambos para o dito theatro operas, em que o portuguez levava sempre a primazia, sem que ás bellezas da arte prejudicasse a fecundidade admiravel com que chegava a apromptar por anno tres e quatro peças novas.

A estas funcções accumulava as de director e mestre do real seminario de musica, logar em que fôra provido logo após o seu regresso de Italia, e ainda as de mestre da capella real, cujo serviço desempenhava como se manifesta dos notaveis specimens que n'esse genero nos deixou. Justamente apreciadas e sempre ouvidas com gosto, as suas composições sacras attestam ainda hoje a superioridade do seu talento, posto que a alguns entendidos se afigurem de menos merito, por acharem n'ellas pronunciado em demasia certo sabor theatral.

Ainda que não devamos affirmal-o por falta de documentos, parece-nos comtudo provavel que entre Marcos e Catalani haveria anteriores relações de conhecimento, contrahidas na Italia; e até que a joven cantora com a sua esplendida execução teria nos ultimos annos concorrido para realçar a fama do illustre compositor, tomando parte nas suas operas representadas em Milão e Veneza. Mas o que não padece dúvida, porque o abona o testimunho presencial de pessoas inda vivas, é que entre os dois se estabelecêra em Lisboa a mais intima e affectuosa convivencia, de sorte que o mestre, que assistia então proximo do theatro, passava em casa da cantora grande parte dos dias, manifestando por ella sentimentos de viva affeição, e uma ternura que parecia paternal. Com ella ensaiava as peças novas, e sobre tudo aquellas que todos os annos compunha expressamente para serem cantadas nos seus beneficios. Quiz dar-lhe lições de piano, ainda que com pouco fructo, porque, segundo se diz, havia em Catalani uma completa negação para qualquer instrumento.

Assim correu o tempo até a invasão de Portugal pelo exercito francez, em novembro de 1807. Fétis e outros biographos de Marcos escrevem como facto assentado que elle passára então para o Brasil, acompanhando o principe regente na sua retirada; entretanto, nada ha menos verdadeiro. Que razões ou motivos lhe obstassem para acompanhar desde logo seu augusto amo, não nos constam, nem ha meio de os saber; mas que ficou e permaneceu ainda por alguns annos em Lisboa é caso certissimo, e que não admitte dúvida.

N'esse periodo da dominação estrangeira teve de dirigir pessoalmente (por ordem superior, que não pouco pezaria aos seus sentimentos patrioticos) a execução da sua opera *Demofoonte*, levada á scena em S. Carlos a 15 de agosto de 1808, em uma récita extraordinaria que, para solemnisar o anniversario de Napoleão, mandou dar o general Junot, e a que assistiu com todo o seu estado maior.

Expulsos pouco depois os francezes pelas tropas anglo-lusas, e tratando-se de alentar os brios nacionaes, compoz Marcos expressamente dois hymnos com acompanhamento de banda militar, por elle dedicados ao principe e á nação. Um d'esses hymnos, notavel pela expressão e suavidade da musica, foi por muitos annos adoptado, e sel-o-hia talvez até hoje se, por effeito de nossas luctas civis, não ficasse de todo proscripto em 1834. De outras peças, escriptas ainda em Lisboa pelos annos de 1808 e 1809, encontrâmos commemoração no respectivo catalogo.

Entretanto, as circunstancias apertadas do paiz, assolado pela invasão e pela guerra que se lhe seguiu com suas inevitaveis consequencias, tornaram assás precaria a situação de Marcos, que, habituado a viver com largueza, via escassear successivamente os seus recursos pecuniarios. Em 1809 fechára-se o theatro de S. Carlos, e fechado se conservou até 1813, em que tomou d'elle conta a nova empreza de Manuel Baptista de Paula. Diz-se que n'este intervallo recebêra Marcos propostas de algumas cortes da Europa, que o chamavam a seu serviço com generosas offertas, porém que elle as regeitára; e tomando por melhor partido o de ir através do Oceano solicitar de seu proprio soberano a protecção a que tinha direito, e de que anteriormente gozára, resolveu transportar-se para o Rio de Janeiro. Assim o poz por obra, embarcando, ao que podêmos julgar, no anno de 1810, com alguns cantantes e instrumentistas, que, seguindo o seu exemplo, iam procurar fortuna em nova patria.

(Continúa)

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

Os grandes do mundo são escravos da sua grandeza. Não se podem arrojar sem levar comsigo tantos grilhões e bragas, quantos pontos de honra e razões de estado. Se descaíssem do estado, ou o renunciassem, então ficariam forros. P. MANUEL BERNARDES.

[1] Girolamo Crescentini, famoso soprano, nascido pelos annos de 1769 (outros dizem em 1766) nas visinhanças de Urbino, e fallecido em Napoles em 1846. Veiu escripturado para o theatro de S. Carlos em 1798, e aqui se demorou até 1803.

[2] Daremos aqui o elenco do pessoal d'esta companhia e dos seus vencimentos, para servir á curiosidade dos que n'isso a tiverem.

Angelica Catalani, primeira dama séria	6:400$000
Elisabetta Gafforini, primeira dama buffa	3:520$000
Dorothea Bussani, primeira dita	2:400$000
Carolina Grifani, dita	1:200$000
Pietro Mattucci, primeiro soprano	3:800$000
Domenico Mombelli, primeiro tenor	3:200$000
Antonio Naldi, primeiro buffo	3:200$000
Ludovico Breda, meio caracter	1:280$000
Ludovico Olivieri, primeiro baixo	1:040$000
Gaetano Nery, primeiro buffo	1:020$000
Francesco Gafforini, segundo tenor	480$000
Tres segundas damas	1:800$000
Pietro Angeleli, segundo buffo	960$000
Um terceiro buffo	600$000
Valentino Fioraventi, compositor	800$000
Marcos Antonio Portugal, dito	672$000
Corpo de baile	12:700$000
Coristas, serventes, etc	8:090$000
Despezas do transporte dos artistas de Italia para Lisboa	2:000$000
Somma total	55:162$000

[3] Angelica Catalani foi natural de Sinigaglia, pequena cidade dos estados da egreja, que se honra tambem de ser patria do actual pontifice Pio IX, e nasceu, conforme a opinião de Fétis (*Biog. des musiciens,* tomo II), seguida por Scudo (*Critique et litterature musicales,* tomo I da terceira edição, pag. 133), Dezobry & Bachelet (*Dictionn. général,* tomo I), e P. Larousse (*Dictionn. univ. du* XIX *siècle,* tomo III), em outubro de 1779. Na *Nouvelle biographie générale,* publicada por F. Didot, tomo IX, lê-se no artigo competente, que ella nascêra em 1782. Recordâmo-nos ainda de haver lido em parte que não podêmos agora verificar, que fôra natural de Veneza, e nascida em 1785! Havendo já percorrido diversos theatros de Italia, cantou no de S. Carlos desde 1801, como se prova de indubitaveis documentos, até o anno de 1806, em que deixou Lisboa. É para notar a estranha segurança com que Fétis, assignando-lhe a vinda para esta cidade em 1804, pretende corrigir mr. Schilling, que a dava chegada em 1801, accusando a este *de confundir todas as datas,* porque a de 1801 era aquella *em que a Catalani debutava em Milão!*... A imaginaria correcção de Fétis ao biographo hanoveriano emparelha, pouco mais ou menos, com a asserção dos que escreveram na *Nouvelle biographie générale,* que Angelica Catalani *debutára* em Roma, no theatro de Argentina, em 1802!!!—Esta artista, que saíra de Lisboa em 1806, já casada com Valabregue, e cuja reputação em França e Inglaterra subíra, dizem, muito além do que realmente merecia, veiu a morrer da cholera em Paris a 13 de junho de 1849, tendo-se retirado da scena vinte annos antes.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — Rua da Cruz de Pau, 31